

Uma Análise Narrativa de Juízes 3:12-30 (A Narrative Analysis of Judges 3: 12-30)

Edson M. Nunes Jr.¹
Gabriel Diniz Gruber²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a narrativa de Juízes 3:12-30, buscando colocá-la dentro do contexto tanto de seu próprio livro, de sua própria literatura e da relação entre Israel e Moabe dentro da Bíblia Hebraica. A análise da narrativa terá seu foco na caracterização dos personagens Ehud e Eglom, além da repetição de verbos e palavras-chave como ponto indispensável para uma proposta temática ligada a comida e bebida na relação de Israel e Moabe.

Palavras chave: Bíblia Hebraica, Narrativa Bíblica, Caracterização, Juízes, Eúde

Abstract: The current article intends to analyze the narrative of Judges 3:12-30, seeking to put it in the context of its own book, its own literature, and the relation between Israel and Moab in the Hebrew Bible. The narrative analysis will focus on the characterization of Ehud and Eglon, and also be attentive to the repetition of verbs and keywords as an indispensable to a thematic proposal connected to food and drink in the relationship between Israel and Moab.

Keywords: Hebrew Bible, Biblical Narrative, Characterization, Judges, Ehud

Robert Alter em sua célebre obra *"Arte da Narrativa Bíblica"*, ao tratar dos acontecimentos e expressões dentro do texto, usa como exemplo a narrativa da história de Eúde e Eglom, dizendo: "O que resulta desse tratamento não é tão somente um relato circunstanciado da morte do rei de Moabe, mas uma interpretação satírica do fato, a um só tempo arguta e jubilosa" (2007, p. 68). Também diz que "a estupidez do inimigo é sempre um alvo convidativo para a sátira em tempos de guerra" (2007, p. 69).

¹ Doutor em Estudos Judaicos pela Universidade de São Paulo; Pós-doutorando em Estudos Judaicos na University of California, Berkeley; e professor de Antigo Testamento na Faculdade Adventista de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo.
² Acadêmico de Teologia na Faculdade Adventista de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Alter avalia a referida narrativa como uma sátira étnica de Moabe por meio da literatura narrativa israelita. Ele se utiliza de cenas como a da morte do rei e sua gordura que "engole" o punhal; do diálogo dos servos ao lado de fora das portas; do banheiro como cenário; enfim, toda a construção narrativa para apontar que se tratava de uma forma de denigrir o inimigo de Israel, Moabe.

A gênese da ideia é a descrição física de Eglom como קָרֵן קָרֵן (muito gordo), além do próprio nome do rei, אֶגְלוֹם (Eglom):

A maneira como o escritor imagina o acontecimento é moldada por uma sugestão etimológica implícita no nome Eglom, que sugere a palavra *egel'* (bezerro), em hebraico. O senhor de Moabe aparece como um bezerro gordo, pronto para ser abatido, e talvez o epíteto *bari'*, "gordo" ou "robusto" seja um trocadilho com a palavra *meri'*, "animal engordado para sacrifício". (ALTER, 2007, p. 68)

Essa ideia é compartilhada por diversos outros acadêmicos, como Lawton G. Stone (2009, p. 650) afirma: "A visão de Eglom como um flácido e pesado governante, que foi um alvo fácil para o traiçoeiro e esperto Eúde, que performou seu ato com uma pequena adaga escondida debaixo de sua roupa e escorregou pela sala de audiência do rei e depois no coitado rei gordo, assumiu status canônico para interpretes contemporâneos". Entretanto, Stone (2009, pp. 650-663) faz críticas incisivas a essas interpretações.

Uma delas é a respeito da interpretação de קָרֵן (gordo), em que Alter (2007, p. 69), Webb (2012, pp. 165-166) e outros a relacionam com uma espécie de vulnerabilidade, enquanto Stone (2009, p. 651), Sasson (2014, p. 229) e outros afirmam que o termo é encontrado apenas outras duas vezes na Bíblia Hebraica em relação a seres humanos, em Salmo 73:4 e Daniel 1:15. Nas duas ocorrências a palavra carrega forte significado positivo, no Salmo 74 como oposto a sentir dor por fome e em Daniel como uma diferença significativa (para melhor) na aparência dos jovens hebreus em relação aos outros.

A cerca do nome de Eglom, Stone (2009, p. 654-657) argumenta que muito valor se dá a ideia de que o sufixo ן seria um diminutivo pejorativo anexado ao substantivo עֵל que quer dizer bezerro, tudo para corroborar a

noção de um rei gordo que parecia um animal para ser abatido. Entretanto, ele explica:

“A forma do nome, com o sufixo ם-, não conota nada pejorativo. O sufixo ם- é amplamente tomado como um diminutivo, seguindo a sugestão de Johan Jakob Stamm. Jakob Barth, no entanto, identificou a semântica dos substantivos formados com este sufixo como abstrata, descritiva ou coletivizada, quando designa um grupo. Essa análise é confirmada pela comparação com o sufixo -ân em particular, em acadico, que identifica ‘um membro particular ou específico da classe ou objeto indicado pela palavra que é anexada.’ (...) Em um nome próprio, o sufixo apenas caracteriza a pessoa assim chamada pelo substantivo. Eglom, como nome pessoal, significaria ‘homem de boi’, assim como ‘Samson’ significa ‘homem do sol.’ Por mais que possa entreter intérpretes, o diminutivo, especialmente como pejorativo, não desempenha nenhum papel na semântica do nome do rei.” (STONE, 2009, pp. 655-656)

Os argumentos linguísticos e históricos apresentados por Stone são suficientes para apontar que a narrativa de Eúde e Eglom não se trata somente de denigrir a imagem do rei de Moabe diretamente com uma sátira depreciativa óbvia. Há algo a mais, tanto em suas palavras quanto em contextos que envolvem uma relação que não está flutuando em um vácuo mas faz parte de um emaranhado de contextos.

O presente artigo visa propor uma outra interpretação desta narrativa, se utilizando da crítica da narrativa, especialmente da caracterização dos personagens. Para tanto, primeiro será apresentada uma proposta de tradução comentada, depois uma análise de contextos e, por fim, uma análise literária.

Proposta de Tradução de Juízes 3:12 – 30

A tradução que se segue foi feita a partir do texto massorético hebraico da “Bíblia Hebraica Stuttgartensia” (1997), com a ajuda dos léxicos de Davidson (2014), Schökel (2014), Koehler e Baumgartner (2000), Owens (1989), além da tradução de Robert Alter (2013). Os comentários colocados na tradução foram somente os mais relevantes para o desenvolvimento da análise narrativa que será feita. Os versos não serão indicados para realçar a leitura do bloco.

E mais uma vez os filhos de Israel fizeram o que era mal aos olhos de YHWH. E YHWH fortaleceu Eglom, rei de Moabe, contra Israel, pois tinham feito o que era mal aos olhos de YHWH. E ele ajuntou para si os filhos de Amom e os amalequitas e foram e atingiram Israel e tomaram posse da cidade das palmeiras. E serviram³, os filhos de Israel, a Eglom, rei de Moabe, por dezoito anos. E clamaram, os filhos de Israel, à YHWH e levantou YHWH para eles um salvador, Eúde, filho de Gera, filho de Benjamin, homem amarrado da mão direita. E enviaram, os filhos de Israel, por sua mão, uma oferta⁴ a Eglom rei de Moabe. E fez para ele, Eúde, uma espada⁵ e nela duas bocas⁶, um *gomed* de comprimento, e atou-a por de baixo de suas vestes, sobre sua coxa⁷ direita. E aproximou a oferta de Eglom, rei de Moabe, e Eglom era um homem muito gordo. E foi que quando terminou de aproximar a oferta, ele enviou embora o povo que carregava a oferta. E ele voltou de *Pesilim*⁸, que é perto de Gilgal e disse: “Uma palavra secreta para ti eu tenho, rei”. E ele disse: “Silêncio”! E saíram de sua presença os que estavam de pé. E Eúde foi até ele e ele estava assentado na sua câmara superior ventilada, sozinho. E disse Eúde: “Uma palavra de Deus eu tenho para ti”. E ele levantou de seu assento. E Eúde enviou sua mão esquerda e pegou a espada da sua coxa direita e a inseriu em sua barriga. E foi também a empunhadura depois da lâmina e fechou a gordura sobre a lâmina, pois ele não retirou a espada para fora da sua barriga. E saiu excremento. E saiu Eúde para o vestíbulo e fechou as portas câmara superior e os trancou e ele saiu. E os servos vieram e viram e eis que as portas da câmara superior estavam trancadas e eles disseram: “Certamente ele está cobrindo seus pés no quarto da câmara”⁹. E eles esperaram até ficarem totalmente perdidos e eis que ele não abria as portas da câmara superior. E tomaram a chave e abriram e eis que o senhor deles estava caído no chão, morto. E Eúde

³ Apesar de עבד ser amplamente utilizada nesse tipo de contexto para se referir ao trabalho escravo (Ringgren, Rütterswörden, Simian-Yofre, 1999, pp. 383–384.), sua conexão com o trabalho agrário não pode ser esquecida.

⁴ A palavra מִתְּנָה tem uso bem variado, mas muito conectada ao culto israelita, tanto as ofertas quanto ao sacrifício. Entretanto, funciona quase que como um termo técnico para as ofertas de cereais (Fabry e Weinfeld, 1997, p. 413).

⁵ קֶבֶד tem sua etimologia ligada ao acádico *harbum*, que significa arado. Seu uso no hebraico está mais associado a armamento (Kaiser, 1986, pp. 155-156). Entretanto, não deixa de ser curiosa essa relação: Eúde leva uma oferta de cereais, e esconde uma espécie de arado em sua roupa.

⁶ Sternberg (1987, p. 333) aponta para a palavra בִּיטּוֹן, bocas, sendo um fator de ironia. O rei, gordo, morre com um golpe de uma espada de duas bocas.

⁷ Niditch (2011, pp. 57-58) aponta que o uso da palavra “coxa”, que carrega uma conotação erógena, associada a palavra “espada”, de formato fálico, além da palavra “segredo”, que denota intimidade, conferem a cena toda uma evidente tensão sexual. Ele vê essa mesma tensão sexual presente na história do capítulo 4 de Juízes, na cena entre Jael e Sísera.

⁸ Alter (2013, p. 122) sugere ser esse um nome de lugar, mas como a tradução significa literalmente “os ídolos” ele entende como sendo *Pesilim* um lugar cúltico.

⁹ A ambiguidade na fala dos servos se dá por um aparente coloquialismo, indicando algum tipo de “função corporal privada” (Niditch, 2011, p. 58). Assim como em 1 Sm 24:3 (4), a intenção parece ser ironizar o personagem. Alter (2013, p. 124) chama atenção para o fato de que excremento havia saído da ferida mortal de Eglom e, portanto, os servos poderiam inferir isso baseados no cheiro também, além das portas trancadas e na longa espera.

escapou enquanto eles se demoravam. E ele passou por *Pessalim* e escapou para Seirá. E foi que quando chegou, tocou o *šofar* na montanha de Efraim e desceram com ele os filhos de Israel da montanha e ele ia na frente. E disse a eles: "Sigam-me porque YHWH deu os vossos inimigos, Moabe, nas vossas mãos". E eles desceram após ele e silenciaram os rios do Jordão dos moabitas e não permitiram que nenhum homem passasse. E eles mataram os moabitas naquele tempo, dez mil homens, todos robustos¹⁰ e todo homem valente e não escapou homem algum. E subjogado foi Moabe naquele dia sob a mão de Israel e repousou a terra por oitenta anos.

Contexto Geral da Narrativa

A narrativa acontece dentro do livro de Juízes e como coloca House (2005, p. 270): "Sua teologia espelha as advertências de Deuteronômio 28:15-68, pois o povo comete idolatria, sofre as consequências do seu pecado, arrepende-se e clama a Yaweh por ajuda, recebe auxílio e então volta-se de novo a idolatria". Este ciclo é refletido em formulas (usando a expressão "aos olhos de YHWH") na narrativa antes da aparição de um novo juiz (GUNN e FEWELL, 1993, p. 74-75).

O livro é, de certa forma, uma quebra no tema narrativo iniciando uma nova era, "ao mesmo tempo, outro tipo de tradição começa aqui, a saga heróica, no coração da qual sempre temos um indivíduo em particular cujos atos - na verdade, muitas vezes apenas um único ato - são relatados. Isso enquanto a imagem se torna menos uniforme, ao mesmo tempo em que o terreno histórico em que estamos negociando se torna gradualmente mais firme" (RENDTORFF, 1983, p. 25). Segundo House (2005, 270) este livro "é mais complexo, terrivelmente deformado, sombrio e brutal".

No trecho da narrativa do episódio entre Eglom e Eúde, pode-se perceber que o nome "Moabe" é muito repetido, oito vezes. Como já indicava Martin Buber (1964, p. 1131) as repetições, de diversas formas, são indicadores de atenção para podermos "decifrar e apreender um significado do texto ou, pelo menos, vê-lo com mais nitidez".

¹⁰ O uso da palavra *גִּבּוֹר*, que também pode ser traduzida como "gordo" é importante para estabelecer uma relação entre o rei e seu povo. O rei e o povo estão conectados.

Moabe é, inclusive, tratado como um personagem na narrativa, dentro do que Adele Berlin (1994) chama de tipo. Segundo ela: “tipo, quem tem uma gama limitada e estereotipada de características, e quem representa a classe de pessoas com esses traços” (p. 32).

A relação entre Israel e Moabe começa na primeira sessão da Bíblia Hebraica, sendo mencionada 49 vezes na *Torah*, desde da concepção de Moabe em Gênesis 19.30-38 (fruto de um incesto de Ló com sua filha mais velha), até Deuteronômio 34. As terras de Moabe são o local onde o povo estava acampado no final da narrativa da *Torah* e o local do monte Nebo, onde Moisés será enterrado. Esta é a última menção a Moabe antes de sua reaparição na narrativa de Ehud.

Entretanto, a última menção a Moabe como um povo, e não como lugar geográfico, seria em Deuteronômio 23:3-6

“Nenhum amonita ou moabita ou qualquer dos seus descendentes, até a décima geração, poderá entrar na assembléia do Senhor. Pois eles não vieram encontrar-se com vocês com pão e água no caminho, quando vocês saíram do Egito; além disso convocaram Balaão, filho de Beor, para vir de Petor, na Mesopotâmia, para pronunciar maldição contra vocês. No entanto, o Senhor, o seu Deus, não atendeu Balaão, e transformou a maldição em bênção para vocês, pois o Senhor, o seu Deus, os ama. Não façam um tratado de amizade com eles enquanto vocês viverem.”

A relação entre Israel e Moabe é, portanto, recheada de tensão, e o texto acima categoricamente afirma os motivos para essa tensão: Moabe não alimentou Israel quando esse estava no deserto e tentou amaldiçoá-los e fazê-los servirem outros deuses. A menção ao alimento parece ser relevante para a história de Eúde e Eglom, como será visto a seguir.

Análise da Narrativa: os personagens

Como disse Bar-Efrat (2008, p. 77): “Enquanto a trama desempenha um papel central na narrativa bíblica, o indivíduo dentro dela não é menos importante que os eventos.” O contexto geral é importante, mas também o são os personagens dentro dele. A análise a seguir procura elementos narrativos que ajudem na interpretação dos personagens.

Falando sobre a narrativa bíblica no geral, Robert Alter (2007, p. 105) afirma que "a primazia do diálogo é tão acentuada que muitos trechos narrados em terceira pessoa, quando bem examinados, acabam se revelando dependentes do diálogo que os precede ou que introduzem. Assim, a narração é muitas vezes relegada à função de confirmar afirmações feitas no diálogo". Ele acrescenta que "numa modalidade de narração tão dominada pelo discurso falado, é inevitável que elementos visuais sejam pouco representados. Mesmo nas situações excepcionais em que a cena é concebida visualmente, o escritor pode articulá-la relatando o que se vê por meio do que se diz" (ALTER, 2007, p. 111). Entretanto, nota-se que há particularidades nessa narrativa que são raramente encontradas na literatura bíblica, como a falta de diálogo, sendo uma narrativa praticamente toda contada em ações.

O desenrolar da trama se constrói em cima das ações de Eúde que parece interminavelmente inquieto, e sempre ativo sendo o agente ativo de 20 verbos. Ele é também o agente passivo de 4 verbos. Há um certo contraste com a figura antagonista de Eglom, que além de sua excessiva gordura mencionada no versículo 17, tem também uma forma de "obesidade-literária", não de forma pejorativa. Sendo o ator de ações ativas 4 vezes, três no início da narrativa mostrando sua força, e uma de se levantar para ouvir a "palavra-secreta de Deus" e receber sua morte, ele é agente passivo ou não-ativo (verbos de estado) de 11 outros verbos.

Adele Berlin (1994, p. 40) denominou três tipos de contraste nas narrativas bíblicas, sendo o primeiro, o contraste entre personagens. Alter (2007, pp. 177-178) assevera:

As primeiras palavras sobre um personagem tem grande importância para a narrativa. Em narrativas a cargo de um narrador confiável em terceira pessoa, como é o caso na Bíblia, há uma escala ascendente (...) de meios para comunicação de informações sobre as motivações, as atitudes e o caráter moral dos personagens. (...). A categoria inferior dessa escala – aquela que o personagem é revelado por suas ações ou por aparência – nos conduz, em essência a um âmbito de inferências"

A primeira descrição de Eúde, no versículo 15, o apresenta tanto como salvador, quanto incompetente com a mão direita. Já Eglom é apresentado

passivamente, como tendo sido fortalecido e depois como sendo muito gordo. Para Alter (2007, p. 126) "os 'motivos-livre' são praticamente inexistentes na narrativa bíblica." Isso significa que a narrativa priorizou esses detalhes e a maneira como foram apresentados.

Uma outra característica importante da Bíblia Hebraica é que “muitas vezes tem sido dito que a Bíblia raramente descreve seus personagens. (...) Assim, quando nos são dados alguns detalhes sobre a aparência de um personagem, ou vestido, geralmente é porque esta informação é necessária para o enredo” (BERLIN, 1994, p. 34). Assim, as descrições iniciais de Eúde e Eglom são vitais para a sequência da narrativa e o leitor deve estar atento a elas, pois, como coloca Bar-Efrat (2008, p. 48):

“Os poucos detalhes que são dados sobre a aparência externa dos personagens não pretendem nos permitir visualizá-los claramente. Nem o aspecto exterior de um personagem nos dá qualquer indicação da personalidade, pois não há conexão entre a aparência e a natureza (em contraste com muitas obras literárias, em que a pessoa boa é bonita e a ruim é feia ou inversa). Na narrativa bíblica, a informação sobre o aspecto exterior de alguém serve apenas como meio de avançar o enredo ou explicar seu curso”

Começando por Eglom, é possível notar algo que Alter chama em seu livro de “tema”, que seria "uma idéia que faz parte do sistema de valores do relato – seja de natureza moral, moral-psicológica, legal, política, histórica ou teológica – e que aparece com certo padrão de recorrência. Ela também é frequentemente associada a uma ou mais *Leitwörter*¹¹, mas não lhe é coextensiva; pode estar ainda associada a um motivo¹²." (ALTER, 2007, p. 148). A descrição de Eglom e alguns de seus atos dentro do enredo servem a essa função. As expressões usadas nas descrições dos personagens e suas ações, apontariam assim para temática agrária/alimentar.

Eglom, apresentado passivamente como “fortalecido”, em sua primeira ação ativa, ajunta um exército e derrota Israel. Israel, então, iria “servir” Eglom, um verbo que pode ser ligado a ideia agrária. Pouco depois é dito sobre sua gordura (v.17). Ou seja, YHWH fortalece Eglom que, por sua vez,

¹¹ Conceito de uma raiz lexical repetida em abundância, e a exploração de seu campo semântico (ALTER, 2007, p. 147).

¹² Repetição de uma imagem concreta, qualidade sensorial, ação ou objeto dentro da narrativa e que não tem um significado fora do contexto da narrativa (ALTER, 2007, p. 147).

toma uma cidade israelita. Israel, que fizera o que é mal aos olhos de YHWH, agora trabalhará para Eglom, que é gordo. Há um aparente paralelismo narrativo. O fortalecimento de Eglom é através do עבד de Israel.

O trabalho de Israel, que fortalece Eglom é inferido pela oferta que Eúde leva, מִתָּה . A junção de עבד com מִתָּה parece indicar uma possível ligação com Gênesis 4:2-3. Caim trabalha (עבד) a terra e dela oferece a YHWH uma oferta (מִתָּה) que é o fruto da terra. Israel trabalha para Eglom provendo o fruto da terra e, assim, Eglom é fortalecido, ou seja, engorda. A temática alimentar/agrária parece estar no cerne da narrativa.

Já Eúde é, de alguma maneira, limitado da mão direita de onde infere-se que ele seja canhoto. O que se lê dele é uma sucessão de muitos verbos ininterruptos durante a maior parte da narrativa desde sua apresentação. "Pode-se pressupor, assim, que tudo o que é relatado é essencial para a história, mas certas pistas especiais são sugeridas pelo ritmo com que se descrevem as ações (...) nos deparamos com súbitas e densas concentrações ou séries ininterruptas de verbos, geralmente ligadas a um único sujeito, indicando uma intensidade, rapidez ou atividade deliberada e obstinada" (ALTER, 2007, p. 126). Eúde é obstinado e intenso.

Há, entretanto, uma diminuição da intensidade da narrativa ao chegar no versículo 20: "Um evento narrativo propriamente dito ocorre quando o ritmo da narração se desacelera o suficiente para que capturemos uma cena singular, para que tenhamos a ilusão de que a cena desenrola em 'tempo real'" (ALTER, 2007, p. 102). Essa desaceleração se dá através do recurso do diálogo. Rei e salvador agora conversam, ainda que brevemente.

Os diálogos e a descrição detalhada (a espada escondida na coxa direita, por exemplo) ajudam a criar o clímax para a narrativa. E dentro desta cena a sua mão, que foi uma das primeiras características destacadas a seu respeito, agora é repetida mas com uma modificação, a mão esquerda aparece desempenhando uma função hábil que se concretiza na salvação de Israel de seu forte opressor, roubando o foco da impotência de sua destra deixada em nossas mentes versículos atrás.

Alter (2007, p. 101) irá dizer: "pois muito da arte está na distancia variável entre a pré-imagem nebulosa na mente antecipadora do observador

e a imagem reveladora na própria obra – e é isso que precisamos aprender a perceber com mais apuro na Bíblia". Ehud que é apresentado inicialmente por meio de sua mão limitada, agora quebra essa primeira imagem por meio da habilidade de sua outra mão. “Uma técnica comum para fazer um personagem se destacar é fazê-lo agir em contraste com a expectativa do leitor ou além da norma esperada.” (BERLIN, 1994, p. 41).

Ainda nos versículos 28 e 30 a *Leitwort* “mão” voltará a aparecer, mas dessa vez não mais a de Eúde porém a de Israel, dizendo que YHWH colocou em suas mãos seu inimigo, Moabe, e que a mão de Israel humilhou o mesmo. Assim Eúde, o amarrado de uma mão no início da narrativa, mas ainda assim libertador levantado por YHWH, se torna o agente que leva a salvação com sua mão esquerda.

Análise da Narrativa: outros elementos literários

A raiz עָרַת (inserir, fincar, soprar, etc) é a mesma nas duas situações climáticas do texto, tanto no assassinato do rei (Jz. 3:21) quanto no toque do *šofar* conclamando Israel para a batalha (Jz. 3:27). O mesmo verbo aparece também em Jz. 4, quando Jael finca uma estaca na têmpora de Sísera. Em ambos casos, a descrição do assassinato é detalhada. A movimentação de Jael é minuciosamente descrita (Jz. 4:21), assim como a de Eúde, que “enviou sua mão esquerda e pegou a espada da sua coxa direita e a inseriu em sua barriga”. A narrativa parece querer explicar bem o movimento rápido e violento da ação de Eúde. A espada entra tão fundo que até o punhal dela fica preso na gordura de Eglom.

Também como na história de Jael e Sísera de Jz. 4, há uma dissimulação por parte do personagem assassino. Eúde leva alimento como oferta e Jael dá a Sísera leite, ambos se disfarçam de benfeitores para desferir um golpe mortal. A morte de ambos, Sísera e Eglom também possui movimentação do corpo do assassinado, já que ambos parecem estar em pé e, após o golpe, caem mortos (Jz. 3:21-25 e 5:26-27).

Aliás, o movimento de Eglom durante a narrativa é curioso. Ele está assentado, se levanta e então aparece deitado. O verbo אָרַח (levantar) é

utilizado de maneira pontual e enfatiza a ação da narrativa. YHWH levanta (קוּם) Eúde (Jz. 3:15) e ele leva uma palavra secreta ao rei Eglom que, ao se levantar (קוּם) para ouvir (Jz. 3:20), morre pelas mãos do “levantado” por YHWH. Fica subentendido que só o “levantado” por Deus permanece de pé.

Um uso curioso é o do verbo יָצָא (sair), talvez pela proximidade e pelo sujeito de ambos. Em Jz. 3:22 o excremento sai (יָצָא) de Eglom, não fica claro de onde, e em Jz. 3:23 Eúde sai (יָצָא) do vestíbulo. Assim também se dá com o uso do verbo סָגַר (fechar): a gordura de Eglom fecha (סָגַר) sobre a lâmina (Jz. 3:22) e Eúde fecha (סָגַר) as portas da câmara (Jz. 2:23).

Em Jz. 3:22 as ações de fechar e de sair tem como sujeito a gordura e o excremento de Eglom. Em Jz. 3:23, Eúde é o sujeito nas ações de sair e fechar, invertidas em sua sequência (fechar, sair, sair, fechar) em relação a Jz. 3:22. Quer dizer, quando o rei de Moabe se levanta, ele é assassinado e as ações pós execução são da gordura e do excremento do rei, que estão repetidas de maneira invertida pelo salvador de Israel, Eúde.

A sucessão desses verbos para Klein (1989, pp. 38-39), Dietch (2016, pp. 524-525) é irônica porquê apesar de vitorioso, a narrativa iguala negativamente Eúde ao excremento. O argumento é que apesar de o paralelo não ser tão evidente, a ação enganosa de Eúde mentindo ao rei é condenada pelo narrador justamente pela sequência do verbo sair, ligando Eúde ao excremento. A argumentação de Klein se baseia em uma possível ausência da aprovação divina para a ação de Eúde. Dietch acrescenta que a visão negativa que o livro de Juízes tem sobre os benjamitas reforça a ligação negativa entre Eúde e o excremento.

Entretanto, a narrativa de Juízes não parece corroborar essa tese, justamente porque a ação de Eúde traz paz a terra (Jz. 3:30) e o povo parece, sob o comando de Eúde, fazer o que era lícito aos olhos de Deus (Jz. 4:1). A ironia, portanto, não está em uma comparação entre Eúde e o excremento, mas entre a ação da gordura e do excremento em oposição as de Eúde. A personificação do excremento e da gordura do rei através de suas respectivas ações, reduz o rei a um estado animalesco que o seu nome já sugeria. A gordura e o excremento são o que resta do rei gordo, morto por um homem limitado de uma mão, mas levantado por Deus.

Por fim, uma última ironia verbal é que Israel envia (שלח) uma oferta ao rei Eglom (Jz. 3:15) e o encarregado de levar essa oferta, envia (שלח) sua mão esquerda para pegar a espada e matar o rei (Jz. 3:21).

A Relação Israel e Moabe

Como visto, a última menção na *Torah* a Moabe como um povo, Dt. 23:3-6, restringia até a décima geração de moabitas entrar dentro na comunidade de Israel, assim como um tratado de amizade; é apontado em consequência de Moabe não ter vindo com pão e água quando Israel necessitava no deserto. Sua próxima aparição é exatamente uma narrativa onde um rei moabita demanda o fruto das colheitas de Israel e é morto por uma espada.

Nos cinco rolos, o livro Ruth é narrado dentro da mesma moldura temporal do livro de Juízes: “E aconteceu que nos dias em que julgavam os juízes” (Rt. 1:1). Nessa narrativa Moabe aparece de maneira marcante, já que Rute é moabita. Logo no primeiro versículo do livro de Ruth já aparece uma ironia onde vemos, que ainda nos dias em que os juízes julgavam, há uma terrível fome “na casa do pão” (בית לחם), Belém.

O histórico da relação alimentar/agrária é trazido à tona logo no início. Assim, de maneira semelhante ao êxodo, Israel está sem alimento, enquanto há alimento em Moabe. Algumas famílias, como a de Rute se misturam com moabitas para escapar da fome. No retorno de Rute, é impactante notar que, apesar da proibição de Dt. 23, ela é acolhida e recebe, em seu primeiro momento em Israel, alimento (Rt. 2).

Pode-se se notar então que tanto em Deuteronômio 23:3-6 assim como Juízes 3:12-30 e Rute um cerne da relação de Israel e Moab é o alimento. Moabe (e Amom) ignora um princípio básico de hospitalidade no episódio do êxodo lembrado em Dt. 23, princípio este que Ló, seu progenitor, segue à risca com os visitantes angelicais em Gn. 19 (KUNIM, 2004, p. 228). Rute é a inversão dessa lógica de falta de hospitalidade moabita, pois Israel acolhe e alimenta. Em Juízes, a relação com a alimentação é a opressão

moabita sobre Israel, que os obriga a servirem. Ironicamente, é uma oferta de comida que ocasiona a situação para que Eúde assassine Eglom.

Conclusão

"Uma geração de interpretes explorou todas possibilidades para o humorístico e o macabro da história, enfatizando a enormidade de Eglon, a traição de Ehud, e a pequenez de sua adaga" (STONE, 2009, p. 650), porém a narrativa fornece indícios de uma quantidade de outros detalhes, em especial do jogo de palavras, movimentos e repetições, articulados de maneira a criar personagens altamente antagônicos e manter um tema curioso na relação entre Israel e Moabe.

A ironia da narrativa está mais nesse, na morte de Eglom do que em sua descrição como gordo, sendo este último detalhe uma informação que justamente reforça a relação alimentar/agrária entre Israel e Moabe. O alimento é usado como opressor por Moabe contra Israel e acaba sendo o que cria o cenário para a libertação também.

Bibliografia

ALTER, Robert. **Arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert. **Ancient Israel: The Former Prophets: Joshua, Judges, Samuel and Kings: a translation with commentary**. New York: W. W. Norton & Company, 2013.

BAR-EFRATA, Simon. **Narrative Art in the Bible**. New York: T&T Clark International, 2008.

BERLIN, Adele. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994.

BUBER, Martin. **Werker IIL Schriften zur Bibel**. Munique: München, Kösel, 1964

DAVIDSON, Benjamin. **The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon**. 15^a ed. Peabody: Hendrickson Publishers, 2014.

DIETCH, Linda A. "The Social Worlds of Biblical Narrative". In: FEWELL, Danna Nolan. ed. **The Oxford Handbook of Biblical Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

FABRY, Heinz-Josef; WEINFELD, M. "מִתָּה". In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. eds. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

GUNN, David M.; FEWELL, Danna Nolan. **Narrative in the Hebrew Bible**. Oxford: Oxford University Press, 1993. [The Oxford Bible Serie]

HOUSE, Paul R. **Teologia Do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

KAISER, O. "חרב". In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. eds. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986.

KLEIN, Lilian R. **The Triumph of Irony in the Book of Judges**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2000. [CD-ROOM Edition]

KUNIN, Seth Daniel. **We think What We Eat: Neo-Structuralist Analysis of Israelite Food Rules and Other Cultural and Textual Practices**. New York: T&T Clark International, 2004. [Journal for the Study of The Old Testament Supplement Series, vol. 412]

NIDITCH, Susan. **Judges: A Commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2011. [The Old Testament Library]

OWENS, John Joseph. **Analytical Key to the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

RENDTORFF, Rolf. **The Old Testament: An Introduction**. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

RINGGREN, Helmer; RUTERSWORDEN, U.; SIMIAN-YOFRE, H. "פָּדָה". In: BOTTERWECK, G. Johannes; FABRY, Heinz-Josef. eds. **Theological**

Dictionary of the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.

SASSON, Jack M. **Judges 1-12: A New Translation with Introduction and Commentary.** New Haven: Yale University Press, 2014. [Anchor Yale Bible]

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português.** 6^a ed. São Paulo: Paulus, 2014.

STERNBERG, Meir. **The Poetics of Biblical Narrative: Ideological Literature and the Drama of Reading.** Bloomington: Indiana University Press, 1987. [Indiana Studies in Biblical Literature]

STONE, Lawson. G. "Eglon's belly and Ehud's blade: a reconsideration". **Journal of Biblical Literature**, nº 4, 2009.

WEBB, Barry G. **The Book of Judges.** Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2012. [The New International Commentary on the Old Testament]